

MAPEANDO A PRECARIIDADE, O TRABALHO INSEGURO E AS CONDIÇÕES DE VIDA INCERTAS: SUBJETIVIDADES E RESISTÊNCIA

Emilia Armano, Arina Bove e Annalisa Murgia (Org.s).

Routledge, Londres e Nova Iorque, 2017

Mapping Precariousness, Labour Insecurity and Uncertain Livelihoods: Subjectivities and Resistance.

Emilia Armano, Arina Bove e Annalisa Murgia (eds.)

Routledge, 2017

Resenha por Giuseppe Cocco

Annalisa Murgia, Emiliana Armano e Arianna Bove organizaram um livro importante e urgente: uma cartografia da precariedade do trabalho e da vida. A proposta do título já nos mostra explicitamente a linha de abordagem: o trabalho se torna cada vez mais precário e por consequência a vida dos trabalhadores é atravessada por doses cada vez mais fortes de incerteza. Ao mesmo tempo, o que é mobilizado não é mais um trabalho definido por um tempo determinado, um "tempo de trabalho" bem delimitado e até "oposto" ao tempo de vida que continuaria "livre". É a vida como um todo que é mobilizada, para além de toda e qualquer demarcação entre tempo de trabalho e tempo livre. Se a precariedade se tornou assim a condição geral, isso tem pelo menos dois determinantes diferentes: a insegurança do trabalho, aquela que a literatura do management chama de "flexibilidade" e ao mesmo tempo a incerteza das condições e horizontes de vida, onde isso não é apenas uma consequência da flexibilização da relação salarial (a SER, como escrevem as organizadoras, a Standard Employment Relation), mas também um determinante da incomensurabilidade que a mobilização da própria vida implica.

A "lei do valor" assentava sua legitimidade e sua força na imposição da linha que regia a separação entre produção e reprodução, entre um tempo que se dizia "necessário" e um outro que era afirmado como "excedente": legítima remuneração do capital para Ricardo, trabalho não pago para Marx. Hoje, a "lei do valor" se tornou tão incerta quanto o trabalho se tornou precário, e vice-versa: a lei do valor perdeu sua legitimidade e paradoxalmente só se afirma como "valor da lei": as leis de flexibilização (de terceirização) se sobrepõem assim os resíduos da lei e da ideologia trabalhista para impedir que novas formas de proteção social possam "enfrentar" o enigma da

incomensurabilidade. Por isso, os desdobramentos positivos do mapeamento nos falam de subjetividades e resistência: a produção de subjetividades é ao mesmo o terreno da acumulação e da resistência, o novo terreno de lutas que começam a desenhar novas instituições.

O livro de Murgia e suas colegas é organizado em três partes que oferecem uma cartografia das experiências, um mapeamento dos movimentos de resistência e enfim algumas propostas conceituais.

Por meio dos diferentes artigos das cartografias, a discussão organiza diferentes pontos de vista, no Norte e no Sul, no Ocidente e no Oriente. Temos assim acesso a reflexões sobre casos de vários países como Itália, Grécia, Grã Bretanha, Romênia, Japão, Austrália, França, China e África. A nova condição precária do trabalho não é algo que se limitaria aos países mais desenvolvidos ou aos emergentes; ela é própria do capitalismo contemporâneo e se encontra em qualquer canto do globo, mesmo que com suas especificidades e particularidades. Temos assim uma série de leituras que permitem apreender o devir-pobre do trabalho no Norte e o devir-trabalho dos pobres no Sul. Particularmente interessantes são os artigos de Franco Barchiesi sobre o trabalho na África pós-colonial e o de Brandon Sommer sobre o “Sonho Chinês e o platô da precariedade”. Analisando as lutas contra o trabalho assalariado como parte das lutas contra os sistemas produtivos coloniais na África, Barchiesi apreende a dimensão paradoxal das políticas neoliberais que ao mesmo tempo que promovem a difusão das iniciativas empresariais acabam destruindo as formas institucionais das quais o empreendedorismo difuso depende. Se trata de uma abordagem bem interessante, embora o autor acabe aderindo às teses que apostam – como no caso do Wolfgang Streek – na autodissolução do capitalismo “neoliberal”. Ainda mais interessante é o artigo de Sommer, onde a precariedade aparece ao mesmo tempo como uma das realidades da China industrial e até mesmo como uma forma de resistência dos trabalhadores contra a disciplina industrial. No país onde o Partido Comunista mantém o rígido controle sobre a trajetória de desenvolvimento, “trabalho informal, condições de trabalho brutais e baixos salários” (p.34) são moeda comum. O regime governa essa precariedade por meio da modulação da cidadania industrial e a proibição das atividades sindicais. Assim, a precariedade é amplificada pelas políticas estatais e ao mesmo tempo é uma tendência definida pelas estratégias de fuga das condições extremamente rígidas do emprego industrial.

Isso nos leva diretamente para a segunda parte do livro, onde há vários capítulos dedicados aos movimentos sociais que se organizaram contra a precariedade. Alex Foti apresenta uma bela e breve história de um dos mais importantes e antecipadores, o Euro May Day de Milão, a outra face do dia de luta do trabalho, o Primeiro de Maio.

Na terceira parte, três capítulos apresentam uma série de propostas conceituais sobre a condição precária. Entre elas, extremamente interessante aquele de Andrew Ross propõe a ideia que a precariedade leva a uma situação na qual “trabalhamos para nada” e que isso é o setor econômico que apresenta as maiores taxas de crescimento. Nesse artigo, ele tenta apreender 7 tipologias conceituais de trabalho precário, numa tentativa de mapeamento que nos permita atravessar as dificuldades colocadas pela fragmentação dessa condição. O que é interessante é que aqui o trabalho precário é definido como “free”, essa dupla dimensão de um trabalho que não paga para usar as ferramentas que lhe são necessárias (as redes sociais e a internet em geral) e ao mesmo tempo não é pago. Entre as 7 tipologias, uma desponta de maneira instigante, a categoria de endividamento dos lares. A relação de débito e crédito aparece claramente como a outra face da precariedade.

Enfim, um livro destinado a apoiar uma nova geração de pesquisas, de produções teóricas e, esperamos, de lutas.